



109 - Agroecologia e perseverança: determinação e protagonismo dos agricultores e agricultoras do Assentamento Itamarati, Ponta Porã, MS

NEVES, Vitor Carlos. Sítio São José - lote 264 - Núcleo de Agroecologia Itamarati - APOMS, vitorcn3@gmail.com; COVALESKI, Márcio. Lote 263 - Núcleo de Agroecologia Itamarati - APOMS; ARAUJO, Luiz Ribeiro. Lote 250 - Núcleo de Agroecologia Itamarati – APOMS; MANOSSO, Olga. Movimento de Mulheres Camponesas, olga.manosso@yahoo.com.

Resumo

A experiência demonstra ações e práticas agroecológicas desenvolvidas no Assentamento Itamarati, sendo realizadas por agricultores e agricultoras familiares, conscientes da importância de uma agricultura sustentável econômica, social e ambiental, envolvendo toda a família nas atividades produtivas. Esta experiência iniciou-se em 2005, com a formação do Núcleo de Agroecologia Itamarati APOMS. Vencendo barreiras do monocultivo e uso de agroquímicos com a inserção dos princípios agroecológicos, enfatizando a diversificação da produção com os agricultores familiares ligados ao núcleo de agroecologia Itamarati, com o plantio de soja, milho, gergelim, algodão branco e colorido (verde e rubi), que aumentou significativamente a renda familiar. Acreditando que a agroecologia melhora a vida dos agricultores familiares, e sua disseminação compete a todos, recomendamos a outros agricultores familiares, que desejem se inserir na família agroecológica, que vençam seus medos, e pratiquem a confiança, primeiramente em si e com os companheiros que comunguem a ideia.

Palavras-chave: diversificação, organização, sustentabilidade.

Contexto

- O assentamento Itamarati surgiu para ser “modelo” de projeto de reforma agrária, mas infelizmente não foi o que ocorreu, devido a vários fatores como: o deslumbramento da maioria dos assentados que tentou reproduzir modelos de exploração predominante nas grandes propriedades rurais devido às estruturas encontradas (Pivôs Centrais de Irrigação), assistência técnica e extensão rural inadequada, por falta em número e qualidade dos profissionais para trabalhar a agricultura familiar de forma sistêmica, a desunião dos movimentos sociais do assentamento, cada um “puxando a brasa pra sua sardinha”, dentre outros.
-
- Neste cenário, a angústia dos agricultores em estar assentados em uma área de terra, por muitas vezes considerada a maior produtora de soja do Brasil, (a Fazenda Itamarati), e não se ter a renda suficiente para o sustento de suas famílias, sem ver perspectivas de melhora, muitos vendiam seus lotes, e migravam para cidades ou voltavam a trabalhar de empregados.
-
- Mesmo com essa situação alguns agricultores e agricultoras, com apoio das Irmãs de São José, decidiram buscar formas alternativas de produção, onde incluiriam nesse processo as mulheres e os jovens, visando diminuindo o êxodo rural, fixando o homem e a mulher no campo.



- Vendo a angústia vivida pelos agricultores e agricultoras familiares do assentamento Itamarati, a Irmã Olga Manosso, articuladora do MMC, (Movimento de Mulheres Camponesas), promoveu uma visita a Feira de Sementes Crioulas em 2005, no município de Juti/MS, onde os participantes assistiram a uma palestra sobre a APOMS (Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul), proferida pelo então coordenador, Olácio Komori.
-
- Durante a feira, após a palestra, os agricultores convidaram Olácio Komori para ir ao assentamento Itamarati, divulgar a agroecologia e, conseqüentemente, formar um núcleo da APOMS, no assentamento. E no segundo semestre de 2005, atendendo o convite dos agricultores Olácio Komori, fez-se uma reunião no assentamento, e lhes disse o que era preciso para ser formado um núcleo de agroecologia no assentamento Itamarati.
- O princípio básico da constituição do núcleo de agroecologia Itamarati é de ser um movimento não sectário, não importando o movimento social a que o agricultor fora assentado, se pelo MST, Fetagri ou CUT, por exemplo, e sim pela disposição para implantar e praticar a agroecologia, de forma organizada e em parceria com outros agricultores e com entidades públicas ou privadas, como por exemplo, a Embrapa Agropecuária Oeste, Prefeitura Municipal de Ponta Porã-MS, SEBRAE-Dourados, MAPA-Campo Grande, MDA-Campo Grande e Nacional, e UNISOL BRASIL, UEMS, UFMS, UCDB e UFGD. Vale ressaltar que tudo ocorreu sem a formalização jurídica, ou seja, existe o núcleo de agroecologia Itamarati, mas não existe, por exemplo, uma associação ou cooperativa que represente juridicamente o núcleo, suas ações são desenvolvidas sempre em parceria com entidades públicas ou privadas que possuam as documentações pertinentes nos determinados casos.
-
- A grande dificuldade está em os agricultores se apropriarem da ideia de que as coisas só mudam quando eles mudem, neste sentido houve uma conscientização de que não adianta os governos, por exemplo, destinarem milhões de verbas aos agricultores familiares, se os mesmos a utilizarem de forma equivocada, sem planejamento e/ou em projetos mal elaborados. Por isso vemos que o incentivo a formação e capacitação dos jovens filhos de agricultores familiares à agroecologia contribuem para a sua permanência na propriedade, de forma justa e digna, sendo este um dos fatores limitantes para a propagação dos conceitos agroecológicos.
-
- Podemos ser considerados uma experiência de iniciativa agroecológica de um grupo informal, que visa a organização de agricultores e agricultoras, na busca de uma produção familiar, economicamente viável, socialmente justa e ecologicamente correta.

Descrição da Experiência



Com o incentivo das Irmãs de São José e a determinação dos agricultores e agricultoras, após saberem do funcionamento da agroecologia, teve início um processo organizativo entre os agricultores onde formaram grupos de produção, por exemplo, um grupo se formou na produção de hortaliças, outro na produção de cereais, tais como soja, milho e algodão, pois perceberam que em grupo as negociações geralmente eram bem sucedidas.

Como apresentado no 2º Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul, em 2008, um grupo de agricultores na safra 2007/2008, em parceria com a Gebana Brasil, uma empresa particular de compra de soja orgânica, produziu o cereal para exportação, na parceria a empresa subsidiou a certificação auditada para os agricultores (Certificadora IMO) e comprou o produto com adicional de 40% sobre o preço do convencional mais o custo do frete. A seguir foto sobre o manejo de plantas espontâneas na lavoura de soja orgânica (Figura 1).



Figura 1. Plantio de Soja Orgânica – safra 2007/2008.
Fonte: Vitor Carlos Neves

Na safra 2008/2009, visando a diversificação da produção, plantou-se milho orgânico que foi comercializado dentro do estado, com uma agregação significativa, pois o convencional era vendido pelo produtor a R\$ 18,00, já o orgânico foi vendido a R\$ 23,00.

Na safra 2009/2010 iniciamos o plantio do algodão branco em uma parceria com a YD, empresa compradora do produto, que também custeava a certificação auditada (Certificadora IBD), e garantia a compra livre de ICMS e frete, neste ano a arroba do algodão orgânico foi vendida a R\$ 28,00, enquanto o convencional estava R\$ 12,00, e na safra 2010/2011, vale lembrar que esta safra ocorreu um aumento de preço atípico, onde vendemos o algodão a R\$ 45,00 a arroba, devido a de chuvas irregulares neste período e baixa produção mundial, em compensação na safra 2011/2012 plantamos mas não colhemos nada, devido a dois fatores relevantes: sementes de baixa germinação e escassez total de chuva. seguindo os princípios de diversidade realizou-se o plantio consorciado de algodão com milho, como se vê na Figura 2.



Também nas safras 2010/2011 e 2011/2012, os agricultores plantaram o gergelim orgânico que foi vendido in natura a R\$ 4,00, o convencional tinha o preço de R\$ 2,12. Visando agregar valor neste produto, os agricultores do núcleo de agroecologia Itamarati enviaram e tiveram a aprovação pela FBB (Fundação Banco do Brasil), tendo a prefeitura municipal de ponta Porã como parceira, de um sistema de extração de óleo por prensagem a frio. Isso possibilitará agregação de valor significativa ao gergelim, tendo em vista que seu óleo é muito valorizado pela culinária e seu valor de mercado gira em torno de R\$ 60,00 o litro, segundo Queiroga (2010). A Figura 3 ilustra o plantio consorciado de gergelim com abóbora.



Figura 2. Algodão Consorciado com milho – safra 2009/2010.
Fonte: Vitor Carlos Neves



Figura 3. Gergelim consorciado com abóbora - safra 2011/2012.
Fonte: Vitor Carlos Neves

Na safra 2011/2012 deu início a produção de algodão colorido, das cores verde e rubi, uma parceria entre os agricultores produtores orgânicos e a Justa Trama, uma central de cooperativa que trabalha com a cadeia do algodão Agroecológico. Nesta parceria o Justa Trama viabilizou uma descaroçadora de algodão, para a separação do caroço da pluma, onde ela garante a



compra da pluma custeando o ICMS e o frete, pagando ao agricultor R\$ 7,00 o kg da pluma, e ficando para agricultor também o caroço, que será sua própria semente do plantio posterior e o seu excedente podendo ser utilizado como ração animal.

Vale lembrar que durante todo esse processo, alguns agricultores e agricultoras na busca de inserção de seus filhos no sistema produtivo, desenvolveram atividades de agregação de valor aos seus produtos. Podemos citar a venda de aperitivo de soja, que fez a remuneração obtida em um saco de 60 kg de soja saltar de R\$ 64,00 (preço obtido pelo produto orgânico safra 2007/2008) para R\$ 640,00, um aumento de 1000%. Além de ter aumentado a participação dos agricultores em feiras do produtor, destacando a feira do município de Ponta Porã, que era inexistente até o momento.

Resultados

Estamos entre os primeiros agricultores familiares de assentamento a possuir certificação de produtos orgânicos por auditoria, podemos produzir algodão colorido e branco orgânicos mantendo uma diversificação significativa nas propriedades, pois os agricultores cultivam ou exercem atividades certificadas tais como: plantio do milho, soja, gergelim e amendoim, culturas que permitem sua comercialização externa a propriedade bem como garante a sua subsistência, na produção de alimento para os animais, com o milho e soja, e matéria prima para doces com o gergelim e amendoim.

Destacamos principalmente a organização dos agricultores e seu protagonismo, pois boas ideias só se tornam realidade quando bem executadas, e isso é o que vem sendo feito pelos agricultores e agricultoras do núcleo de agroecologia Itamarati.

Vale lembrar que o assentamento Itamarati possui aproximadamente 3.000 (três mil) famílias, e que apenas 40 (quarenta) delas estão iniciando a conversão pra agroecologia, e destas apenas 5 (cinco) famílias tem a certificação auditada, portanto o potencial desta experiência no momento não pode ser mensurado, mas certamente o crescimento é notório.

O que nos entristece no momento é a dificuldade de por em funcionamento o sistema de extração de óleo a frio, pois infelizmente o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), emperra a liberação do termo de sessão de uso do barracão onde estão os equipamentos, com a falta deste termo não estamos conseguindo fazer a ligação elétrica dos equipamentos, pois para não perder a garantia do produto, da unidade de extração e filtragem de Óleo Vegetal a frio, o fabricante exige uma alimentação elétrica independente.

Entretanto apesar das dificuldades por ora apresentadas, devemos nos ater aos exemplos de perseverança e persistência dispensada pelos agricultores familiares do assentamento Itamarati. Que seguem com determinação, força de vontade, e uma constante evolução, tanto nos aspectos econômicos, mas sobre tudo na conscientização de que outro modelo de produção é possível, um modelo que seja, sustentável economicamente, socialmente e ambientalmente correto.

Agradecimentos

As agricultores e agricultoras familiares que abraçaram a agroecologia como opção de vida, e que fazem dela uma ferramenta para vossa permanência no meio rural, com vida digna e soberania alimentar.



Também aos colaboradores, tais como: Prefeitura Municipal de Ponta Porã/MS, SEBRAE-Dourados/MS, SEBRAE Campo Grande/MS, APOMS (Associação dos Produtores Orgânicos do MS), UNISOL BRASIL (Central de Cooperativas e Empreendimentos de Economia Solidária), FBB (Fundação Banco do Brasil), MAPA (Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento), MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), Embrapa Agropecuária Oeste, UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), UCDB (Universidade Católica Dom Bosco), UFMS (Universidade Federal do MS) e UEMS (Universidade Estadual do MS) a Justa Trama (Central de Cooperativas Justa Trama).

Referências

QUEIROGA, V. P. et al. **Tecnologias para o agronegócio do gergelim**. Embrapa Algodão: Campina Grande, PB, 2010.